

João Pessoa - Número Cinco - Março de 2004

Escola Pública: Escola de Pobres. Escola Pobre?

Rosilene Alvim*

O sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998), referindo-se ao estudo da emigração se pergunta sobre o caráter científico, sobre o estatuto social de tal objeto que concerne uma população política e socialmente dominada. Como fazer uma sociologia do pequeno sem que esta sociologia seja também pequena? Contra esta sociologia do pequeno (socialmente), sociologia dos objetos situados relativamente em uma posição inferior da hierarquia social dos objetos de estudo, pequena sociologia; sabe-se que a dignidade intelectual dos objetos sociais se relaciona com a dignidade destes mesmos objetos na medida em que sua dignidade os converteu em objetos intelectuais.

1- Quem procura acha

Até que ponto a afirmação “quem procura acha” nos ajuda no entendimento das relações aluno escola, aluno professor, caso as vejamos somente pela ótica da violência ou pela ótica da desigualdade? A afirmação nos permite duvidar de uma construção dada, de uma pré-construção, sem uma análise dos dados que nos levaram a realizar tais relações. Não se trata de negar que a violência ronda as escolas como ronda os diversos espaços urbanos, mas também se a escola, principalmente a pública for vista somente por este aspecto, as relações que se desenvolvem dentro da escola, seja do ponto de vista pedagógico, seja na relação entre professores, direção, funcionários e alunos, assim como a relação com a secretaria e seus órgãos de controle da escola, não poderemos entender, explicar esta escola “de pobre e por isto pobre”.

As escolas públicas pensadas a partir das notícias veiculadas pela grande imprensa e também por uma literatura recente aparecem como espaços sociais caracterizados por uma forte presença de violência. Minha preocupação neste artigo é a de evitar cair na armadilha que leva a significar como violência toda e qualquer forma de atos, acontecimentos que dificultam o funcionamento escolar.

Penso que para além do que se tem chamado de violência nas escolas, existe uma questão maior que é a da exclusão social que aparece nas relações que se desenvolvem dentro das escolas públicas. Ou seja, conflitos em sala de aula, entre alunos e professores, entre os próprios alunos podem estar contidos naquilo que Debarbieux (1996) classifica como incivildades, condutas que incluem uma vasta gama de fatos desde a indelicadeza, má criação das crianças até ao vandalismo, mas que se configuram como ainda aquém da violência. São conflitos que expressam formas de indisciplina e a dificuldade da escola exercer sua autoridade. Atribuir problemas disciplinares à violência do narcotráfico exercida nos bairros populares e favelas de onde se origina a maior parte dos alunos das escolas públicas, é uma forma de ocultar um outro tipo de conflito, particular à escola e em particular à escola pública. Ao classificar questões disciplinares como transgressões criminais os intérpretes da violência escolar misturam questões presentes em

diferentes espaços, significando, igualando questões sociais que fazem parte de diferentes "espaço dos possíveis". (Bourdieu, 1996)

É verdade que na década de 90 a violência aumenta em todos os níveis, a imprensa notícia seu recrudescimento, assim como trabalhos sociológicos e antropológicos, causado principalmente pelo narcotráfico. A presença massiva de jovens das classes populares é também comum nas notícias da grande imprensa assim como na produção acadêmica sobre o tema: os jovens das classes populares não teriam muitas opções de futuro e a entrada para o mundo do crime, para o narcotráfico, estaria suposto, inscrito em sua origem de jovem pobre, pouco escolarizado, filho de pai desempregado, ou filho de pai desconhecido, parte de uma família dirigida por mulher.

A partir daí cria-se uma relação perversa entre escola, jovens pobres e narcotráfico. Os jornais e parte da produção acadêmica confirmam isso. Alguns autores apontam a presença do narcotráfico dentro das escolas públicas como explicativa das mudanças de comportamento dos alunos, considerados cada vez mais "agressivos" no espaço escolar, dominado pelas facções, "galeras e narcotráfico" (Zaluar, 1994; Guimarães, 1998), o que explicaria de largo modo a evasão escolar.

Nesse sentido é interessante fazer um paralelo ao comentário feito por Felícia Madeira (1993) em relação às afirmações daqueles que atribuem ao trabalho precoce a causa do abandono escolar. Para a autora, a escola é um espaço com especificidades internas a serem solucionadas, em particular a escola dos pobres, a escola pública e, na medida em que parte de seus problemas para alguns se encontra ligado ao trabalho precoce, a autora ironiza com a seguinte frase: "a escola agradece, obrigada". Acredito que se pode retomar a frase de Felícia no contexto atual da chamada "violência escolar". Na medida em que todos os conflitos internos à escola são causados pelo narcotráfico, a instituição "agradece, obrigada".

Este complicador, a influência do narcotráfico nas escolas, levou a mais uma confusão, qual seja, toda forma de violência dentro e nas cercanias das escolas tinha como causa a ação dos comandos criminosos diversos aos quais os alunos pertenciam, ou a ação de "galeras", grupos de jovens que perpetravam a violência ameaçando sistematicamente o cotidiano escolar.

Analisando os números que têm saído sobre violência nas escolas, seja na imprensa, seja em trabalhos baseados em pesquisa, é possível afirmar que existem várias formas de violência, e que colocar todas estas formas numa só categoria complica o entendimento de suas manifestações e sua particularidade nas escolas em questão.

Com o aumento da violência na sociedade nos anos 90 coincide com o crescimento da desigualdade social, a escola é atingida também por esta violência mais geral, e a violência nas escolas passa a ser um tema de estudo, de investigação. A violência, nesse contexto, é associada à juventude, principalmente aquela oriunda das classes populares, marcadas agora por este olhar que "contamina" não só o senso comum, mas também parcelas da universidade, Ongs e instituições internacionais ligadas à juventude. A violência que cerca esses jovens e adolescentes pobres, de maioria negra, usuários da escola pública, estava sendo tomada, erroneamente, como também condutora dos mesmos para o crime. Ao nos aproximarmos das escolas públicas a partir das notícias da grande imprensa, é mais provável que venhamos a significar toda e qualquer forma de atos e acontecimentos que dificultem o funcionamento escolar como violência,

desconsiderando-se que existe uma questão maior encoberta por esta categoria, a exclusão social. Esta aparece nas relações de conflito que podem ocorrer no espaço das escolas públicas, conflitos em sala de aula, entre alunos e professores, entre os próprios alunos, contidos naquilo que se classifica como incivildades, já apontando aqui. Conflitos que expressam formas de indisciplina assim como a dificuldade que a escola tem de dar conta dos mesmos. Tal dificuldade leva, muitas vezes, à classificação de tais conflitos como transgressões criminais.

Analisando dados sobre violência escolar na grande imprensa, encontra-se uma gama de "violências" que ao contrário do significado único que recebem em tais notícias, elas se diferenciam em relação ao espaço escolar tais como: agressões fora da escola, brigas dentro da escola, depredação, pixação, ameaças a professores etc. Seria necessário no caso de uma pesquisa qualificar o que se está chamando de violência e em que contexto tal violência ocorre.

Nos jornais, no segundo semestre de 1999, encontram-se dados gerais sobre violência em crianças e adolescentes. No Rio de Janeiro, entre janeiro e março, apareceram 576 notícias em diversos jornais abordando temas como: negligência, abusos físicos, psicológicos e sexuais, violência praticada dentro da família. No ano de 1999 pode-se ver, e isso se repete para os outros anos, que as agressões ocorridas dentro da escola se referem a episódios de discussão entre alunos por "desmoralização/ridicularização", como o caso do adolescente que agride o outro porque caiu no chão após brincadeira de mau gosto do colega, ou a detonação de um objeto parecido com uma bomba colocado no banheiro da escola para provocar a dispensa dos alunos num dia de jogo entre Corinthians e Palmeiras.

Em relação ao motivo para o estudante portar arma na escola seria matar a curiosidade dos colegas ou cumprir uma aposta. Em Belo Horizonte a polícia em menos de 15 dias apreendeu três armas de fogo em poder de estudantes de escola pública, mas, dentre estas notícias, somente uma menciona que houve disparo, ferindo um aluno.

Um único episódio marcante de violência é mencionado nessas notícias: a invasão de uma escola em Campinas em que três homens encapuzados matam três alunos e ferem sete. A escola, inaugurada em 1997, havia ganhado no ano seguinte um prêmio de festival infantil.

No primeiro semestre do mesmo ano em 9 notícias sobre violência, 8 se referem à violência ligada à escola, sendo que todos os casos se dão fora da escola, apesar da violência versar sobre estudantes; as agressões vão de cobrança de pedágio, surras perpetradas por galeras, assassinato, depredação do prédio escolar (a maioria dessas notícias se referem a violências ocorridas em São Paulo).

Ainda no ano de 1999, entre os meses de Janeiro e Dezembro em 13, sete notícias se referem à violências em geral: uma dessas se refere à Niterói onde 105 unidades da rede pública de ensino - cerca de 30% situam-se em áreas críticas -, estão ameaçadas pela violência. As matérias que cobrem outros estados referem-se a tiroteios, corpos abandonados na porta dos estabelecimentos. Uma notícia de Minas: criança com revólver numa creche. Menino é atingido ao lado de uma escola. Também há notícias sobre abuso de policiais femininas que procuravam drogas numa escola estadual. Aluno baleado em Salvador. Ex-aluno preso suspeito de ter assassinado professor. Estudante é pego com revólver na escola em que um aluno foi morto.

Na década de 90 a violência expressa por ação de jovens começou a aparecer nas escolas que não estavam preparadas para lidar com uma série de situações que eram atribuídas ao tráfico de drogas ao qual estaria ligada uma parte expressiva de seus alunos. Este complicador, a influência do narcotráfico nas escolas, levou a associar toda forma de violência dentro e nas cercanias das escolas a obra dos comandos diversos aos quais os alunos pertenciam, ou a obra das galeras que sistematicamente ameaçavam o cotidiano escolar.

Analisando os números que têm saído sobre violência nas escolas, seja na imprensa, seja em trabalhos baseados em pesquisa, é possível afirmar que existem várias formas de violência, e que colocar todas estas formas numa só categoria complica o entendimento de suas manifestações e sua particularidade nas escolas em questão.

O tema da violência na escola fazendo parte da sociologia da educação "acena para um campo de possibilidades de análise bastante promissor, justamente por abranger à socialização, educação escolar, adesão às normas sociais, das culturas e formas de sociabilidade juvenis" (Corti, 2002), sendo a violência na escola um campo temático que envolve particularidades da educação escolar.

A Escola Pública como espaço de ensino das classes populares tem sido vista em função de seu público majoritário. Nesse caso, diz-se que a escola pública de "antigamente" "era boa", "tinha bom nível", porque "era freqüentada pelos filhos da classe média", por oposição a escola pública fraca, de hoje. O nível inferior do ensino ali praticado vai aparecer também relacionado à falta de preparo dos professores para lidarem com crianças e adolescentes das classes populares.

Se a violência na escola e fora dela são fatores que perturbam o cotidiano da escola, ela não permite entender o alegado fracasso do ensino público questão que antecede à violência, instaurada hoje, segundo os autores citados a partir dos anos 90 do século XX. A escola pública como instituição que atende às classes populares surge a partir do desenvolvimento e ampliação das escolas particulares e da sistemática desvalorização da profissão do professor, traduzida nos baixos salários que recebe, que se inicia no final dos anos 60.

Pretendo discutir os motivos que levaram a escola pública ao estado em que se encontra, procurando relativizar as causas particulares relacionados ao insucesso do ensino público, causas estas que se já foram atribuídas à fome e ao despreparo das classes populares para o aprendizado, levando ao fracasso escolar e à evasão. Atualmente surge a violência como causa principal do insucesso escolar. A escola e a violência é uma relação que se tornou tema de pesquisa e de reflexão. É a partir desta relação que se explicam às dificuldades e a incapacidade da escola pública cumprir o seu papel como transmissora de conhecimento e de cidadania.

2 - Os Estudantes e a Violência na Escola

Conversando com estudantes de quintas e oitavas séries, tomei conhecimento de seu universo cultural, de suas condições materiais de existência, percebendo que somente através da relação entre o que falavam, desenhavam e escreviam e este universo era possível entender o conjunto de valores presentes nas suas opiniões sobre a escola, violência e trabalho, temas privilegiados na pesquisa que atualmente desenvolvo junto a uma escola de ensino fundamental na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Foi empregada como metodologia, dinâmicas que serviram para marcar a separação entre a sala de aula e os pesquisadores. A pesquisa tem sido realizada com uma pesquisadora doutoranda, dois mestrandos e sete bolsistas de iniciação científica do NEPI.

A importância de trabalhar com os assistentes de pesquisas todos jovens, sendo que uma desses assistentes é uma jovem negra, se revelou desde o primeiro momento como bastante rico, visto terem logo a simpatia dos jovens estudantes, marcando uma relação de maior confiabilidade, e também por entenderem mais a linguagem desses jovens, por estarem próximos em termos de juventude e, no caso de alguns ocuparem em termos sociais uma certa proximidade com esses jovens.

No primeiro encontro fizemos uma brincadeira de correr em volta de uma roda, em que a pessoa deixava um objeto atrás de alguém que deveria correr para pegar aquele objeto que deixou, e assim deveria transcorrer a brincadeira. Uma garota caiu, chorou e nós paramos e, demos o texto sobre o traficante e a escola. Foram discutidos em três grupos de cinco e, após a discussão, em separado, começamos um debate com a dinâmica do tribunal em que um grupo defenderia o tráfico e o outro o atacaria. A maior parte dos alunos colocou-se no grupo contra o tráfico, e os do grupo a favor tentaram minimizar seus efeitos a partir de sua comparação com a polícia. Na avaliação final, alguns disseram se sentir mal por terem que defender o tráfico como nós propusemos.

Os comportamentos, expressão orais e escrita desses jovens sobre temas propostos para discussão, trouxeram sempre o cotidiano em suas "comunidades" os personagens de suas famílias, pais e mães, ou mães, ou pais, no caso de viverem somente com um deles, e o tráfico, a classificação que o mesmo impões em suas comunidades:

"Eu moro numa comunidade pertencente ao 'comando vermelho', logo sou do 'comando vermelho', não sou bandido, não pertencço ao tráfico, mas sou do 'comando vermelho', moro na comunidade me que o 'comando vermelho' manda." (aluno da escola pesquisada).

Por outro lado, dada à familiaridade com que lidam com o tema "amenizam" o fato da existência desses bandidos. "A gente conhece muitos deles. Uns foram colegas, são da comunidade". Para justificar tal tolerância os "bandidos são comparados com a polícia. A polícia para a totalidade dos jovens entrevistados é "pior que os bandidos, porque os bandidos quando alguém dança, sabe porque, vacilou com eles, mas a polícia não você nunca sabe quando ela bate, invade casas".

É bom observar que a discussão sobre o tráfico surgiu a partir de uma discussão sobre um texto em que um traficante criticava o tráfico, colocando de forma explícita os prejuízos de uma vida ligada ao crime e a importância da escola.

Durante o debate, realizado em todas as turmas, o tema da escola não foi tocado, mas sim os temas do tráfico e do trabalho. A questão se o tráfico era trabalho ou não mobilizou os grupos e, os que eram contra que o tráfico fosse considerado trabalho se relacionava ao fato de afirmações do tipo: "meu pai é um trabalhador, não é um bandido." "Já pensou uma mãe ter um filho que tem que fugir, se embrenhar pelos matos, pelos fundos da casa, no escuro da noite?"

Quando o tema da escola se colocou, a partir de um texto que todos leram e que falava do rapaz que terminava o fundamental e queria entrar para o ensino médio,

o fato de trabalhar fazia com que a mãe não achasse necessário que ele permanecesse na escola. Dos três grupos de alunos, somente um achou que não era necessário continuar a estudar, mas a fábrica que trabalhava era muito boa e pagava bem e lá ele poderia aprender. Os demais grupos acharam que ele deveria ficar e entrar para a universidade. Todos falaram da importância do “estudo, para ser alguma coisa na vida”.

Estas questões nos levam a pensar que o interesse e mobilização dos alunos passam pela sua vida na comunidade e pelos valores como família e trabalho.

Durante o tempo em que permanecemos na escola (2002), não presenciamos nenhuma situação de violência, como invasão, venda de drogas etc. É interessante esta afirmação porque tal escola tem uma fama de ser violenta no sentido acima mencionado. Ao que parece é que até 98/99 era sistematicamente invadida e havia venda de drogas dentro da escola. A diretora nos informou que “esta escola já teve muitos problemas, há dois anos era difícil”. Não conseguimos saber o que teria ocorrido para mudar. Os portões ficaram fechados, há, desde 2001, a permanência da Guarda Municipal e a ronda escolar.

De qualquer forma, alguns professores se queixam de meninos que pulam os muros para freqüentarem o recreio (a escola tem um bom espaço de lazer, tendo um ginásio para esportes).

Por outro lado grande parte dos professores do ensino fundamental e médio, desta e de outras escolas apontam para o desinteresse dos alunos no aprendizado dos conteúdos das matérias ensinadas, importantes para os professores desenvolverem novos conteúdos. Talvez aí esteja grande parte do problema e que leva a pequenas ações de indisciplinas, gerando aos poucos situações de violência, agressões como por exemplo danificar carros de professores, mas de natureza diferente da infração. Haveria uma forma de perceber o mundo, a realidade, um falar, uma linguagem que não permite um entendimento mútuo. Segundo Dubet, referindo-se às escolas francesas de periferia, ensinar neste contexto é uma tarefa difícil, porque o fato dos estudantes serem sujeitos ligados a outros valores e à condições de vida diversas da dos professores o desafio é imenso levando o autor a se perguntar como se transforma um adolescente em estudante? (Peralva & Sposito, 1997)

ALVIM, Rosilene. Olhares sobre a Juventude. In: Novaes, Regina. **Juventude e Políticas Públicas**. Cadernos do ISER/UNESCO. dez./2002.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo Literário**, SP: Companhia das Letras, 1996. 431p.

CLÉMENCE, Alain. Violência e incivilidade na escola: a situação na Suíça.

In: DEBARBIUEX, Éric & BLAYA, Catherine (orgs.) **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**, Brasília, UNESCO, 2002. p. 223-245.

CORTI, Ana Paula. Violência e indisciplina no cotidiano da escola pública. São Carlos, 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós graduação em Sociologia ,UFSC.!50p.

DEBARBIUEX, Eric. **La violence em milieu scolaire: état des lieux**, Paris:ESF, 1996.

GUIMARÃES, Eloísa. **Escola, galeras e narcotráfico**, RJ: UFRJ, 1998. 244p.

MADEIRA, Felícia R. Pobreza, escola e trabalho: convicções virtuosas, conexões viciosas. In: **São Paulo em Perspectiva**, nº 7 (1), 1993. P. 70-83.

PAIM, Eugênia. Entre o passado e o futuro: repensando as formas de proteção a crianças, adolescentes e jovens das classes populares no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2000. 312p. Tese. (Doutorado em Antropologia Cultural).

PERALVA, Angelina T. & SPOSITO, Marília P.. Quando o sociólogo quer saber que é ser professor: entrevista com François Dubet. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 5 e 6, 1997.p. 222-231.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**, SP: EDUSP, 1998. 299p.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**, RJ: Revan: Ed. UFRJ, 1994. 278p.

*

Rosilene Alvim, doutora em Antropologia, é professora do Departamento de Ciências Sociais e do programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia Cultural, da Universidade federal do Rio de Janeiro, onde coordena o Núcleo de estudos e Pesquisa sobre a infância e Juventude (NEPI).
O "espaço dos possíveis" como espaço das posições tomadas permite configurar um campo a partir das percepções de suas propriedades constitutivas. Um exemplo de operação dessa noção aparece no trabalho de Paim (2000) sobre projetos de intervenção voltados para crianças, adolescentes jovens das classes populares. Como se pode notar, os problemas levantados referem-se todos a formas de incivilidade já que são "atos que perturbam o bom andamento da escola através da quebra de regras de bom comportamento." (Clémence, 2002)

Conforme entrevista com a ex-diretora de uma escola pública de ensino fundamental, em vias de aposentadoria, e que teve o seu percurso escolar e profissional sempre em escolas públicas. O que me deixou intrigada foi o fato de sua afirmação que a escola pública, valorizada e de excelência era uma escola de classe média, e, por isso é que era boa, não sendo somente a "universalização" do ensino que teria permitido a entrada em massa das classes populares na escola, que teria levado às escolas públicas ao estado em que se encontram.

Agradeço a colaboração de Maira de Lourdes Sá Earp (doutoranda), Cynthia Teixeira de Souza e Sérgio Matsuura (mestrandos), Iraídes Coelho, Carmen Elaine Bernardo dos Santos, Priscila Ferreira Scheidegger, Rogério André Benaion,, Rafael Labrousse Tinoco de Lima Vianna, Jeane de Sacramento Miguel e Éster Oliveira.